

## A LIBERDADE HUMANA

Fábio Louredo Neves<sup>4</sup>

Maria Inácia Lopes<sup>5</sup>

### RESUMO

Esse artigo é um recorte da monografia de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia e foi baseada em pesquisa bibliográfica. Procura mostrar que o ser humano sempre se defrontou com a sua liberdade que traz muitos questionamentos mas, quando bem usada, poder ser fonte de felicidade e paz de consciência. Nosso século é o século da liberdade. Os problemas que hoje se sucedem comprovam apenas a fome imensa de liberdade dos povos que buscam um modo próprio de viver como afirmação de sua própria dignidade. Os homens só irão saciar a fome da liberdade quando forem valorizados pela aceitação da verdade. A liberdade é uma propriedade específica e essencial do homem. Uma relação honesta com respeito à verdade é condição de uma autêntica liberdade. Do ponto de vista ético-moral é indispensável considerar a liberdade na sua dupla dimensão: individual e coletiva. A liberdade alcança sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem aventurança.

Palavras-chave: Liberdade; Verdade; Homem; Ética e Moral;

### INTRODUÇÃO

Desde que o mundo é mundo o ser humano sempre se defrontou com a sua liberdade. Adão e Eva foram os primeiros a se depararem com ela no paraíso. Os protestos e revoltas dos povos nos tempos atuais estão pautados por ela. Muitos se levantaram para defendê-la, outros por ela deram a vida. Fizeram isto porque compreenderam ser ela o ideal que mais engrandece o ser humano e mais garante a possibilidade de uma fraternidade universal.

Se por um lado a liberdade traz muitos questionamentos, por outro, quando bem usada, pode ser fonte de felicidade e paz de consciência, ela é a própria garantia de vida mais humana e civilizada.

---

<sup>4</sup> Aluno concluinte do Curso de Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

<sup>5</sup> Mestre em Ciências da Educação Superior e Vice-Diretora Acadêmica da Faculdade Católica de Anápolis

Sem dúvida que nosso século é o século da liberdade, fala-se de liberdade de expressão, liberdade de pensamento, liberdade religiosa. Hoje os homens tomam consciência de que são seres livres pois, de acordo com o Papa Paulo VI, os homens atuais tornam-se cada vez mais conscientes da dignidade da pessoa humana.

Os problemas que hoje se sucedem comprovam apenas a fome imensa de liberdade dos povos que buscam um modo próprio de viver como afirmação de sua própria dignidade. Mas os homens só irão saciar a fome da liberdade quando forem, conforme afirmou João Paulo II na Carta Encíclica *Centesimus Annus*, valorizados pela aceitação da verdade: num mundo sem verdade, a liberdade perde a sua consistência e o homem acaba exposto à vivência das paixões e a condicionalismos visíveis ou ocultos.

A liberdade é uma propriedade específica e essencial do homem, um animal não tem liberdade, só o homem é senhor dos próprios atos, sendo pois responsável por eles. Justamente porque é algo específico do homem, tanto em filosofia quanto em teologia a liberdade levanta grandes questionamentos e dá lugar às mais diferentes e contraditórias soluções. No entanto, pode-se dizer que hoje, para todas as filosofias, a liberdade é o máximo título de nobreza de que o homem é dotado.

#### A LIBERDADE DO HOMEM E SUA CONSCIÊNCIA

A liberdade humana é algo bonito, grande, delicado e misterioso: algo que indaga muito o nosso espírito. Solucionar este mistério é um perene desafio à inteligência dos homens e sua vivência concreta como um eterno espinho fincado em seus corações.

Sistemas doutrinários, quer de ordem filosófica, quer de ordem científica afirmam que o homem não é um ser livre, fazem isto explícita ou implicitamente, clara ou veladamente, arrogante ou timidamente. O homem é um ser livre, grito que emana, seja dentro de si mesmo, seja nos jornais, seja nas praças públicas. Muitos negam a liberdade humana. Na prática, porém, ninguém quer se privar dela: ninguém, inclusive, e sobretudo, os seus adversários teóricos.

Mas como se explica isso? Como se explica essa contradição? Talvez pelo motivo seguinte: a liberdade é uma realidade inscrita indelevelmente na natureza humana e não uma realidade acrescentada a essa natureza, agregada, como querem certas filosofias subsidiárias de Kant – mas, ao mesmo tempo, sua essência é obscura,

noturna, difícil de ser apreendida e mais difícil ainda de ser explicada, justificada filosoficamente ou cientificamente.

O problema da liberdade reflete o problema da pessoa humana, esta é subsistente e aberta ; aquela é um poder de autonomia e um poder de doação. A pessoa é uma realidade de fato, é uma realidade que deve construir-se; a liberdade é um poder indestrutível de eleição, é um poder de aperfeiçoamento que se deve conquistar. A pessoa é ferida e deve ser redimida; a liberdade é prisioneira e deve ser libertada. Nesse sentido, a história da pessoa é a própria história de sua liberdade. O problema da personalização é o problema da libertação.

O que a consciência humana testemunha a respeito da liberdade? Neste sentido, podemos citar duas realidades.

Em primeiro lugar, a consciência testemunha que cada um de nós pode escolher entre agir deste ou daquele modo, de uma maneira boa ou má. Em outras palavras, a consciência atesta além da existência de atos livres ou não determinados para um fim. Há atos que não estão sob o domínio da vontade e outros que dela dependem.

Em segundo lugar, a consciência atesta que os atos livres são acompanhados de noções e reações morais, tais como: liceidade, remorso, mérito, demérito, responsabilidade. Destacamos, em particular, a título de exemplo apenas, a noção de responsabilidade. Com efeito, a responsabilidade é um elemento inerente aos atos livres: se forem nossos, se estão sob o domínio da nossa vontade, sentimo-nos responsáveis por eles, ou seja, respondemos por eles.

De tudo isso a consciência dá testemunho. Mas a consciência não atesta a natureza da liberdade, a não ser de maneira confusa. O que é a liberdade ou sua natureza resulta da reflexão da razão.

## O QUE É A LIBERDADE?

Alguns pensam que liberdade é fazer o que se quer, na hora que se quer, do jeito que se quer, mas será assim mesmo? Alguns, no seu desejo de experimentar a liberdade, lançam-se numa louca procura desenfreada por toda espécie de prazer porque pensam que só assim se sentirão realizados, mas a resposta não está no prazer, como muitos, principalmente jovens já estão descobrindo e constatando, pois ainda continuam insatisfeitos. A verdadeira e mais bonita definição de liberdade nos dá o

Catecismo da Igreja Católica quando diz que liberdade é, entre dois bens, escolher o melhor. Pior ainda é o que acontece quando alguém fica escravizado pelas próprias coisas que ele pensava que iam lhe trazer a liberdade. Eis o caso de milhares de jovens que, na sua revolta contra a sociedade, pensam encontrar nas drogas, no sexo e no prazer a sua libertação e descobrem, depois, a frustração. Acabam por descobrir, afinal, que essa liberdade não passa de um sonho.

Muitas pessoas proclamam sua liberdade. Gostam de dizer que estão livres para fazer o que lhes apetece. Não querem estar amarradas a nada, nem esposa, nem família, nem filhos. Afirmam que nem Deus pode amarrá-las. São ultraegoístas.

A realidade é que, por mais que se fale em liberdade, os homens não são livres. Jesus afirmou isto quando uma vez ofereceu a liberdade aos homens do seu tempo. Ele disse: “Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres” (João 8:36). Nós seremos livres ao passo que conhecermos a verdade.

A liberdade do homem resulta do confronto da sua tendência para o bem, isto é, para o seu bem, com sua natureza racional.

A liberdade, na idade média, tinha um caráter de relação entre o homem e Deus. Na idade moderna ganha uma perspectiva antropocêntrica, abandonando o problema da relação homem – Deus e adquirindo o problema da relação homem – paixão, e indivíduo – sociedade. Na filosofia contemporânea a liberdade assume o ponto de vista social.

A liberdade não consiste somente em escolher. Mediante a liberdade, o homem move-se a si mesmo a agir. Para Hegel, Leibniz e Spinoza a liberdade consiste fundamentalmente em seguir a própria natureza. O próprio Hegel comenta que a liberdade não é o acaso, mas a determinação radical do próprio ser. Mas para Kant a liberdade não pode ser equiparada à natureza, pois ela é do reino moral. Há meramente um conflito aparente, nisto que o homem é livre por não ser inteiramente natural. A liberdade é um ato que se põe a si mesmo como livre.

O termo tem várias significações: a liberdade existencial, o homem se faz na liberdade. O homem vai-se construindo a cada decisão. Não temos liberdade, nós a somos; não há uma liberdade de ou para. A essência do ser se acha na sua liberdade, não há diferença entre o ser do homem e o seu ser livre. Por isso, o homem só pode ser enquanto livre, ou seja, existir humanamente é escolher.

A liberdade é condição primeira e principal da moralidade, pois se o homem não fosse livre as suas ações não seriam responsáveis, muito menos ele seria

responsável pelos seus atos e hábitos. Ter um conceito bom ou mal é uma ilusória dimensão moral da existência humana.

Com o processo de desencantamento do mundo, próprio da sociedade moderna, a liberdade adquire uma importância crucial. As ambiguidades da ética adensam-se e a resposta ao que se deve fazer deixa de ser linear. A todo momento temos de ponderar o imperativo dos fins últimos e o imperativo dos atos realizados (e suas consequências). A ambivalência entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade é um desafio que se coloca não apenas aos políticos mas, também, a cada um de nós quando nos confrontamos com a escolha da conduta correta. A articulação destes imperativos opostos só é possível com a intervenção mediadora da liberdade que se recusa a impor uma solução definitiva, mas procura respostas concretas, ajustadas aos homens, às situações e circunstâncias concretas.

O que há de mais essencial na ética é a possibilidade de exercício da liberdade. Exercício que é em certo sentido gratuito, no qual a origem e fim coincidem: a liberdade como condição de possibilidade, prática corrente e o fim último da ação humana.

A referência à liberdade a propósito da questão ético-moral torna indispensável que a consideremos na sua dupla dimensão individual e coletiva. Ela não está somente presente na vontade, no juízo e no ato de cada homem mas, também, no dialogismo próprio da relação de um homem com outro e com todos os homens no círculo da compreensão que dá à ética a forma no diálogo, na compreensão do outro e na discussão onde acontece a deliberação.

Só há moral onde há liberdade. Não há problema moral para um ser que tende necessariamente para o seu bem e para a sua felicidade. Assim, não há nenhum problema de vida. O animal satisfaz a seus instintos à medida que estes vão despertando e nisso encontra não a felicidade humana mas a satisfação dos desejos.

O ponto de partida da moral é que a vida apresenta problemas ao homem. O homem não é puramente instintivo, ele domina suas ações. Nesse sentido, o que se quer dizer quando se afirma que o homem tem domínio de sua ação? O animal também a domina. Domina-a, de certo modo, até melhor do que o homem. Neste sentido, seus atos são em geral mais proporcionados ao fim que busca. O homem quase nunca chega a uma firmeza na ação comparável à do felino que salta sobre a presa. Entre os homens, aqueles cuja firmeza é mais segura são os que mais se assemelham aos animais, isto é, os que obedecem mais imediatamente ao instinto. A intervenção da razão muitas vezes

se manifesta por certa hesitação e os mais intelectuais são, na maioria das vezes, os mais indecisos na ação.

Quando se diz que o homem domina seus atos, quer-se dizer que os domina pela razão. É a razão a fonte da liberdade.

A sabedoria para o moralista parece achar-se na posição de Santo Tomás, que considera a liberdade como um dado primeiro que não é preciso demonstrar. A liberdade é um princípio de autonomia que deriva da razão e que por isso caracteriza o ser dotado de razão. Importa analisar esta faculdade para se dar conta do modo como age sobre a ação e esta análise evidenciará em destaque as condições da vida moral.

O homem quer necessariamente seu bem e sua felicidade; a seus olhos, bem e felicidade correspondem à plena satisfação de suas tendências. Enquanto o animal procura esta satisfação espontaneamente, instintivamente, sem reflexão, o homem reflete, ou seja, tem consciência de alguma coisa que é o seu bem, bem total, fim último, realização de seu ser e vê que seus atos estão em relação com esse fim. A vida apresenta-se unificada em vista de um fim global, o seu bem. Este só pode se encontrar nesse fim global e, se são múltiplos os seus atos, devem estar ligados uns aos outros pela unidade desse fim; devem convergir para a realização dessa unidade de vida; deve haver entre eles uma ordem cuja unidade é constituída pelo bem final ou total, único que é pura e simplesmente o bem do homem.

O livre arbítrio não é faculdade distinta, mas atributo da vontade. É o poder que tem a vontade de se determinar por si mesma, a agir ou não agir, sem ser constrangido a isso por força alguma, externa ou interna. Chama-se livre arbítrio porque entre dois ou mais alicientes que nos solicitam em sentidos opostos, se decide o que fazer, do mesmo modo que num litígio as partes recorrem a um árbitro que decide em favor de uma ou de outra parte.

O livre arbítrio é prerrogativa essencial do homem; a violência pode, sem dúvida, privá-lo da liberdade física e a coação de outrem pode restringir-lhe a liberdade moral. O seu livre-arbítrio está acima de tudo, enquanto conservar a razão ser-lhe-á sempre livre querer ou não querer. A existência do livre-arbítrio demonstra-se diretamente pelo testemunho da consciência e indiretamente por certos fatos tirados da ordem moral e social.

Antes de agir o indivíduo tem consciência de não assistir, como simples espectador, à luta que se trava dentro de si, esperando quem será o vencedor. No entanto, tem consciência de intervir eficazmente por um poder de interdição opondo-se

à ação matriz das imagens a fim de estabelecer um certo equilíbrio provisório que permite ponderar as diversas maneiras de agir e decidir pela que julgar melhor.

Durante o ato o indivíduo tem consciência da sua capacidade de tomar uma resolução, podendo decidir por uma ou outra forma de agir. Assim, sente que é verdadeiramente a causa única e independente da escolha que fez. Nesse sentido, depois do ato, o indivíduo tem a impressão nítida de que dependia dele a decisão contrária e, ainda, que o ato é verdadeiramente dele, sendo plenamente responsável por ele.

A liberdade é o poder de praticar atos deliberados baseados na razão e na vontade de agir ou não agir, de fazer isto ou deixar de fazer aquilo. Pelo livre arbítrio cada qual dispõe sobre si mesmo. A liberdade é no homem uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a liberdade alcança sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem aventurança. Nesse sentido, destaca São Thomas de Aquino que

(...) o livre arbítrio é causa do seu movimento, porque o homem, pelo livre arbítrio, é levado a agir. Mas, não é necessário para a liberdade que o livre arbítrio seja a causa primeira de si mesmo. Assim, como não é necessário para uma causa ser causa de outra, que seja sua causa primeira. (AQUINO, 1983, p. 83)

Agostinho focaliza a questão do livre arbítrio, sendo este um dos temas centrais de sua extensa obra. Em *A cidade de Deus contra os pagãos*, tenta unir a presciência divina, um dos dogmas do cristianismo, e o livre arbítrio.

É necessário que, se queremos, queiramos com o livre arbítrio, indubitavelmente dizemos a verdade e não sujeitamos, por isso, o livre arbítrio à necessidade, que suprime a liberdade. (AGOSTINHO, 1990, p. 200).

Todavia, em Agostinho o problema também se desenvolve em outro sentido. Se Deus, por um lado, tem a presciência universal, o mesmo não acontece ao homem. Ao homem cabe a escolha, a eleição e a angústia decorrente da escolha.

A partir disso, o pensamento do medievo evolui em duas direções: num sentido, pelo voluntarismo absoluto, e em outro, pela causalidade absoluta, portanto, necessidade supressora do livre arbítrio. Duns Scotto caminha na trilha do voluntarismo radical, combatendo, simultaneamente, Averrois e Santo Tomás. Scotto chega a elevar a liberdade humana ao nível da liberdade divina, igualando a natureza de ambas, sendo, todavia, aquela muito mais frágil do que esta. A primeira causa (Deus) não impediria a auto causalidade do homem e a vontade humana se mantém mesmo

assim, pois conforme Abbagnano a liberdade da nossa vontade consiste em poder no mesmo instante.<sup>6</sup>

Em Kant vemos a tentativa de solução do embate necessidade *versus* liberdade. Kant estabelece que no mundo fenomênico reina a necessidade, enquanto a liberdade apresenta-se no mundo numênico, fundamentalmente o mundo moral.<sup>7</sup>

Santo Tomás procura uma posição intermediária entre o voluntarismo absoluto e a causalidade absoluta; encontrava-se o clérigo em uma posição um tanto quanto incômoda: combater, simultaneamente, o pensamento de Scotto que beirava a heresia e também o pensamento de Averrois que, enquanto pensador muçulmano, não era conveniente que influenciasse tanto o pensamento cristão. Tomás de Aquino, de modo conciliador, coloca que, materialmente, o livre arbítrio é vontade e formalmente razão, escolha racional pois, quando se escolhe mal, a razão sanciona.

O homem, porém, age com discernimento, pois, pela virtude cognoscitiva, discerne que deve evitar ou buscar alguma coisa. Mas esse discernimento, capaz de visar diversas possibilidades, não provém do instinto natural, relativo a um ato particular, mas da reflexão racional. Pois, a razão, relativamente às coisas contingentes, pode decidir entre dois termos opostos, como se vê nos silogismos dialéticos e nas persuasões retóricas. Ora, os atos particulares são contingentes e, portanto, em relação a eles, o juízo da razão tem de se haver com termos opostos e não fica determinado a um só. E, portanto, é forçado que o homem tenha livre arbítrio pelo fato mesmo de ser racional. (AQUINO, 1983, p. 201)

## LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

A liberdade humana poderia indicar uma visão objetivista, como se fosse uma realidade a mais que o homem possui. A experiência feita a sublinha ao aspecto objetivo que teria uma finalidade didática. Se por uma parte a liberdade humana se apresenta como dada, constituída, é dom gratuito ao ser, em outra perspectiva aparece como manifestação do inacabado do homem. A perfeição humana nos é dada inicialmente, por isso, o ser livre deve construí-la.

Afirmar que o homem é livre significa que possui a capacidade de decidir seu próprio agir até o ponto de dizer verdadeiramente que é dele. Neste sentido, a

<sup>6</sup> ABBAGNAMO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 606.

<sup>7</sup> Cf. MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2001. p. 413.

liberdade é a condição pela qual o homem se realiza como sujeito, fim, artífice e norma da própria ação.

A liberdade não é somente atributo da natureza e, como tal, presente em todo homem, sendo um ideal, uma aspiração, uma conquista, cuja possibilidade radical encontra em todos e em si mesmos. Vale dizer, desta forma que poucos a realizam.

A liberdade, entendida como capacidade de atuar, sabendo aquilo que se realiza e por que se realizaria, relaciona-se intrinsecamente com a responsabilidade. O homem deve justificar sua própria eleição. É mister que esta justificação seja urgente porque tem contado os dias de sua vida e não pode exercer ilusões de realizar mais tarde o que não fizer hoje. A justificação e a eleição desembocam para uma responsabilidade do homem com relação às linhas da própria existência, sobre a base de escolhas pessoais livres, uma vez que deve escolher e está chamado também a ser responsável pelo próprio ser.

A vida é uma constante iniludível responsabilidade. O homem autêntico é, assim, plenamente livre e maduro. O homem possui a si mesmo e determina as linhas da sua própria existência sobre a base de escolhas pessoais livres.

Afirmar a liberdade não significa abandono, facilidade, resalto do sacrifício. Gesto supremo da vida é o amor, que é também o ato supremo da liberdade. Não tem amor autêntico que não seja livre, por isso Deus deixou o homem nas mãos de sua própria decisão (Eclo, 14,15) para que ele mesmo pudesse procurar seu Criador e, aderindo livremente a Ele, chegar à plena e feliz perfeição.<sup>8</sup>

Enquanto não se tiver fixado definitivamente em seu bem último, a liberdade comporta a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, de crescer em perfeição ou de definhar e pecar. Ela caracteriza os atos propriamente humanos. Torna-se fonte de louvor ou repreensão, de mérito ou demérito.

Quanto mais pratica o bem, mais a pessoa se torna livre. Não há verdadeira liberdade a não ser a serviço do bem e da justiça. A escolha da desobediência e do mal é um abuso da liberdade e conduz à escravidão do pecado. Segundo Romanos (6, 17,18):

Graças a Deus, porém, que, depois de terdes sido escravos do pecado, obedestes de coração à regra da doutrina na qual tendes sido instruídos. E libertados do pecado, vos tornastes servos da justiça.

A liberdade torna o homem responsável por seus atos na medida em que

---

<sup>8</sup> Paulo VI. Compêndio Vaticano II. *Gaudium et Spes*, 17. 28 ed, Petrópolis: Vozes 2000.

forem voluntários. O progresso na virtude, o conhecimento do bem e a ascese aumentam o domínio da vontade sobre seus atos. A imputabilidade e a responsabilidade de uma ação podem ficar diminuídas ou suprimidas pela ignorância, inadvertência, violência, medo, hábitos, afeições imoderadas e outros fatores psíquicos ou sociais.

A liberdade se exerce no relacionamento entre os seres humanos. Toda pessoa humana tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável. Todos devem a cada um esta obrigação de respeito. O direito do exercício da liberdade é uma exigência inseparável da dignidade da pessoa humana, sobretudo em matéria moral e religiosa<sup>9</sup>. Este direito deve ser reconhecido civilmente e protegido nos limites do bem comum da ordem pública<sup>10</sup>.

Os problemas humanos mais debatidos e diversamente resolvidos nas reflexões de ordem moral contemporânea estão ligados de uma ou outra maneira ao problema crucial da liberdade do homem.<sup>11</sup>

### LIMITES E CONDICIONAMENTOS DA LIBERDADE

Vários filósofos foram opositores de uma liberdade limitada e condicionada. Um dos maiores foi Sartre que falava ser a liberdade infinita e ilimitada. Faz uma identificação entre existência e liberdade. Segundo Lucas (2004) o homem não tem liberdade mas, sim, é liberdade. Sartre vai continuar dizendo que a liberdade é absolutamente indeterminada<sup>12</sup>. Como ele diz que o homem é ilimitado e tem a liberdade que é ilimitada e infinita, acaba negando a existência de Deus em nome da liberdade. Se Deus existisse estaria limitado à liberdade do homem, mas por afirmar que o homem é livre e que sua liberdade não é limitada, então Deus não existe. Estes filósofos querem considerar a liberdade divina paralela com a liberdade humana. Aí eles entram num grande erro, pois foi Deus que nos deu a liberdade.

Podemos afirmar que a liberdade de um ser humano, de um indivíduo que é capaz de raciocinar livremente e que possui uma natureza que o condiciona, permite-lhe agir livremente conforme a sua reta consciência. Se a liberdade não estiver na pessoa ela não poderá agir por própria vontade. Cada homem em si é um ser finito, contingente, limitado. A liberdade do homem só pode ser finita e limitada, deve ser condicionada em

<sup>9</sup> Paulo VI *Dignitatis Humanae* 2, 28 ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

<sup>10</sup> Paulo VI *Dignitatis Humanae* 7, 28 ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

<sup>11</sup> João Paulo II *Veritatis Splendor* 36, São Paulo, Paulinas, 1993.

<sup>12</sup> J. P. Sartre, L. *être et le néant*, part IV, 1: “*Être et faire: la liberté*”. p. 508-642.

primeiro lugar pelo mesmo ser do homem.

Para Lucas (2004, p. 101) o homem possui uma liberdade que é limitada.

Eis as razões:

1. A liberdade não tem nada de semelhante com o ser do homem, mas ela se tona a parte essencial de uma característica fundamental.

2. O homem não pode deixar de possuir um corpo, de ter apetites, pelo motivo de existir tem se encontrado, e isto não é um aspecto negativo, mas um modo dele ser, dele agir perante os outros seres.

3. O homem não pode retirar-se de certo lugar onde vive como a sociedade, a história.

4. A liberdade está dependente pelo mesmo modo de ser.

Estes quatros pontos mostram a capacidade que o homem tem de escolher.

### **PARALELO ENTRE LIBERDADE DIVINA E HUMANA**

Deus impôs ao homem o seguinte mandamento: “Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia que dele comeres, morrerás indubitavelmente. (Gen. 2, 16-17)”. Com esta imagem, a Revelação ensina que o poder de se decidir por uma coisa boa ou má não pertence ao homem, a não ser só a Deus. O homem é certamente livre, do momento em que pode compreender e acolher os mandamentos de Deus. E possui uma liberdade muito ampla, porque pode comer de qualquer árvore do jardim, mas esta liberdade não é ilimitada: o homem deve deter-se diante da árvore da ciência do bem e do mal, está, pois, chamado a aceitar a lei moral que Deus lhe dá. Em realidade, a liberdade do homem encontra sua verdade e plena realização nesta aceitação. Deus, que só é bom, conhece perfeitamente o que é bom para o homem, e em virtude de seu mesmo amor coloca- nos mandamentos.

A liberdade do homem e a lei de Deus se encontram e estão chamadas a compenetrar-se entre si, no sentido da livre obediência do homem a Deus. A obediência a Deus não é, como alguns pensam, algo como se a vida moral estivesse submetida à vontade de uma onipotência absoluta, externa ao homem e

contrária à afirmação de sua liberdade. A segurança e a certeza desta unidade podemos encontrar na relação da aliança e na encarnação redentora.

A livre obediência do homem à lei de Deus implica efetivamente que a razão e a vontade humana participam da sabedoria e da providência divina. Quando Deus proíbe ao homem se aproximar da árvore do bem e do mal, afirma que ele não tem origem neste conhecimento mas, sim, participa dele somente mediante a luz da razão natural e da revelação divina, que lhe manifestam as exigências e as chamadas da sabedoria eterna. A lei deve ser considerada como a expressão da sabedoria divina. Submetendo-se a ela, a liberdade se submete à verdade da criação. Na liberdade da pessoa humana está modelada a imagem de Deus.

A liberdade e a dignidade do homem somente permanecem na verdade quando esta obedece à lei divina. A liberdade do homem é modelada sob a vontade de Deus.

O ser humano possui uma liberdade finita pelo motivo do seu ser, ser finito, mas ele possui um grau de perfeição que é participação do Ser subsistente. E este ser finito que é o homem se torna mais perfeito na medida em que participa do Ser. Desta forma a liberdade humana é uma participação da divina, e quanto mais depender dela tanto mais será a sua perfeição. A liberdade Absoluta é interior e se encontra na raiz de nossa liberdade, da mesma forma que o Ser divino está no interior de nosso ser.

Portanto, que nossa liberdade dependa da Liberdade Absoluta não é escravidão. Ainda mais, poderia dizer-se que o primeiro que define o homem não é tanto a sua liberdade, mas sim sua dependência da Liberdade Absoluta, precisamente porque esta liberdade Absoluta é a causa imediata do ser do homem. (Lucas, 2004, p.104)

Se entrarmos na linha de muitos filósofos que afirmam que Deus não existe, aí é que o homem não pode ser livre. Sem a liberdade divina, a liberdade humana é inconcebível, como também podemos dizer: o finito é inconcebível sem o infinito, o imperfeito sem o perfeito. Por este motivo a liberdade humana tem na divina a sua origem primeira e o seu fim último. Na parte de que trata do plano ontológico não há conflito nenhum entre a liberdade humana e liberdade divina, pelo motivo da liberdade humana ser inconcebível sem a divina. Na ética pode existir um conflito, mas somente por parte do homem. Santo Agostinho nos diz que isso ocorre quando o homem opta

por amar a si próprio a ponto de desprezar a Deus. Deus, de sua parte, não coloca nenhum obstáculo a nossa liberdade, pois seu amor é tão grande que, além de plasmar o homem à sua imagem e semelhança, quer também torná-lo partícipe da sua natureza divina.

### **O MAL ORIGINA-SE DA DEFICIÊNCIA DA LIBERDADE**

Muitas vezes a vontade afasta-se do Bem imutável e procura um bem que muda. De certo modo este afastamento da vontade é ruim, mesmo que a vontade seja livre para decidir pois sem ela não se pode viver bem. E pelo motivo dela querer se afastar do supremo Bem, sem dúvida ela peca.

Entretanto, a vontade é livre, e pode querer o mal, pois o homem é um ser limitado, podendo agir desordenadamente, imoralmente, contra a vontade de Deus. E deve se considerar não causa eficiente, mas deficiente da sua ação viciosa, porquanto o mal não tem realidade metafísica. O pecado, pois, tem em si mesmo a pena de sua desordem, porquanto a criatura, não podendo lesar a Deus, prejudica a si mesma, determinando a dilaceração da sua natureza. A fórmula agostiniana em torno da liberdade em Adão- antes do pecado original- é: poder não pecar; depois do pecado original é: não poder não pecar; nos bem-aventurados será: não poder pecar. A vontade humana, portanto, já é importante sem a graça. O problema da graça tem, além de um interesse teológico, também um interesse filosófico, porquanto se trata de conciliar a causalidade absoluta de Deus com o livre arbítrio do homem.

Quanto ao mal, finalmente existe realmente a má vontade que livremente faz o mal; ela, porém, não é causa eficiente, mas deficiente, sendo o mal não-ser. Este não ser pode unicamente provir do homem, livre e limitado, e não de Deus, que é puro ser e produz unicamente o ser. O mal moral entrou no mundo humano pelo pecado original e atual; por isso, a humanidade foi punida com o sofrimento, físico e moral, além de o ter sido com a perda dos dons gratuitos de Deus. Como se vê, o mal físico tem, deste modo, uma outra explicação mais profunda.

O objeto próprio da vontade é, pois, o bem. Sempre o bem. Se a vontade escolhe o mal, e isso acontece muitas vezes, ela escolhe mal! Ela o faz sob a forma de bem. Em outras palavras, a vontade escolhe o mal porque este lhe parece um bem.

O homem pode reconhecer o bem e o mal graças ao seu discernimento de bem e de mal que ele mesmo realiza mediante a sua razão iluminada pela revelação divina e pela fé.

Todos os nossos pecados foram apagados no batismo, porém, acaso desapareceu a debilidade depois que a iniquidade foi destruída? Se o mal tivesse desaparecido se viveria sem pecado na terra. Na medida em que servimos a Deus somos livres, e na medida em que seguimos a lei do pecado somos escravos.

Quem vive segundo a carne, ou na libertinagem, sente a lei de Deus como um peso, como uma negação à própria liberdade.

O mal moral provém unicamente do mau uso do livre arbítrio do homem, ainda que ele em si seja um grande bem pois, sem ele, o homem não teria mérito no agir e, conseqüentemente, não mereceria recompensa.

## CONCLUSÃO

Jesus Cristo sai ao encontro do homem de todas as épocas, também de nossa época, com as mesmas palavras: “Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres”<sup>13</sup>. Estas palavras encerram uma exigência fundamental e ao mesmo tempo uma advertência: as exigências de uma relação honesta com respeito à verdade como condição de uma autêntica liberdade; e a advertência de que se evite qualquer liberdade aparente, qualquer liberdade superficial e unilateral, qualquer liberdade que não aprofunda toda a sua verdade sobre o homem e sobre o mundo. Também hoje, depois de dois mil anos, Cristo se nos apresenta como aquele que traz ao homem a liberdade baseada na verdade, como aquele que liberta o homem daquilo que o limita, reduz e quase destrói esta liberdade em sua mesma raiz, a alma do homem em seu coração e em sua consciência.

Graças a sua liberdade, o homem desenvolveu sua existência entre o drama, a comédia e a ocupação da vida real. A liberdade pode conduzir por atalhos tortuosos, até perder-se. O homem tem se perdido mais de uma vez no mundo. Não é uma casualidade: o homem tem se perdido em muitos campos, porém há dias que parece ter perdido o mais precioso: o sentido de sua liberdade.

---

<sup>13</sup> João Paulo II. *Veritatis Splendor*, 31 Paulinas São Paulo, 1993.

Houve momentos na história em que o homem não sabia onde se apoiar; hoje as liberdades individualistas e criadoras conduzem por atalhos tão difíceis com grande risco de se precipitar no egoísmo, um conceito errado de liberdade que “exalta de modo absoluto o indivíduo e não o dispõe à solidariedade, à plena acolhida ao serviço do outro”.<sup>14</sup> Não se pode negar que a verdadeira liberdade está batendo em retirada no mundo contemporâneo. Sem dúvida, uma das causas profundas é o fato de ter se esquecido que a liberdade tem seu fundamento, não em si mesmo, se não na racionalidade do homem. É compreensível que o homem comum da rua reflita pouco e confunda facilmente liberdade com libertinagem, decisão livre com capricho. Mas o mais desconcertante é que este irracionalismo tenha invadido também o campo filosófico: Feuerbach apresenta a liberdade como definição do homem; Nietzsche a define como a vontade de poder; para Sartre a liberdade é absoluta e incondicionada, criadora de si e dos valores. São os líderes individualistas da liberdade.

A perfeição exige aquela maturidade no dar-se a si mesmo. A liberdade do homem e a lei de Deus não se opõem, ao contrário, reclamam-se mutuamente.

Santo Agostinho se pergunta: por que sinto em meus membros outras leis em conflito com a lei de minha razão? Liberdade parcial, parcial escravidão: a liberdade ainda não é completa, pura ou plena porque ainda não estamos na eternidade. Conservamos em parte a debilidade e em parte alcançamos a liberdade.

A recompensa do exercício da liberdade em espírito de amor será a sua união definitiva com a liberdade divina e a conseqüente reunião de todos os filhos de Deus na pátria bem-aventurada, onde poderão contemplar Deus pessoalmente em sua tríplice face e poderão amá-lo como infinito júbilo.

## ABSTRACT

The human being is always faced with a freedom that brings many questions but when used well, can be a source of happiness and peace of mind. Our century is the century of freedom. The problems that happen today prove just immense hunger for freedom of the people who seek their own way of living as an affirmation of their own dignity. The men will only satisfy the hunger of freedom when they are valued by accepting the truth. Freedom is a specific and essential property of man. An honest relationship with regard to truth is a condition for authentic freedom. From the standpoint of ethical and moral freedom is essential to consider in its dual individual and collective dimension. Freedom attains its perfection when directed toward God, our beatitude.

<sup>14</sup> João Paulo II. *Evangelium Vitae*, ed. 3ª, Editora LTR, São Paulo, 2003.

Keywords: Freedom, Truth, Man; Ethics and Moral;

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNAMO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGOSTINHO. *A cidade de Deus (contra os pagãos)*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- AQUINO, T. S. *Th. I, q. 83*. 2 ed. Caixas do Sul: Grafosul Indústria gráfica editora Ltda, 1980.
- BÍBLIA SAGRADA. 169ª ed. São Paulo: Ave Maria, 2006.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1993.
- JOÃO PAULO II, J. *Encíclicas: Veritatis Splendor*. São Paulo: Editora Paulinas, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Documentos da Igreja: Centessimus Annus*. São Paulo: Paulus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Encíclicas: Evangelium Vitæ*. 3 ed. São Paulo: LTR, 2003.
- LECLERQ, J. *As grandes linhas da filosofia moral*. São Paulo: HERDER, 1967.
- LUCAS, R. L. *Antropologia Filosófica: Compêndio de Filosofia do Homem*. Santa Isabel, 2004.
- MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PAULO VI. *Compendio do Vaticano II: Dignitatis Humanæ*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Dignitatis Humanæ, 1*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.